TRAVESSIAS DE UM *Sertanejo*

editora FAMEN

EVANDO ALVES DE OLIVEIRA

TRAVESSIAS DE UM Sertanejo

editora
FAMEN

Editora-Chefe: Professora Doutora Andrezza M. B. do N. Tavares, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Editor Adjunto: Professor Doutor Fábio Alexandre Araújo dos Santos, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Diagramação: Eddean Riquemberg Cassiano Xavier e Alexsandra Santana dos Santos Melo
Normalização: Miqueias Alex de Souza Pereira
Revisão de Textos: Professor Francisco Geonilson C. Fonseca
Capa e Projeto Gráfico: Pedro Henrique Pereira de Oliveira

Catalogação da Publicação na fonte
Biblioteca Immanuel Kant

O48t Oliveira, Evando Alves de.
Travessias de um Sertanejo / Evando Alves de Oliveira. – Natal, RN: Editora Famen, 2022.
29.5 Mb; PDF

Incluí índice
ISBN 978-65--87028-08-8
DOI: https://doi.org/10.36470/famen.202212
1. Biografia. 2. Nordeste. 3. Sertanejo. I. Oliveira, Evando Alves de. II. Título III. Assunto.
CDD 920
CDU 929

editora FAMEN

EQUIPE EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Presidente: **Doutor Manuel Tavares** (Universidade Nove de Julho – Brasil)
Doutor Bento Duarte da Silva (Universidade do Minho – Portugal)
Doutor Dionísio Luís Tumbo (Universidade Pedagógica de Maputo – Moçambique)
Doutor Gabriel Linari (Universidade de Buenos Aires – Argentina)
Doutora Cristina Rafaela Riccí (Universidade Nacional de Lomas de Zamora – Argentina)
Mestre Gustavo Adólfo Fernández Díaz (Centro de Formación Técnica de la Pontificia Universidad Catolica de Valparaiso – Chile)
Mestre Manuel Teixeira (Instituto Superior de Ciência de Educação – Angola)
Doutora Antonia Dalva França Carvalho (Universidade Federal do Piauí – Brasil)
Doutora Elda Silva do Nascimento Melo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)
Doutora Karla Cristina Silva Sousa (Universidade Federal do Maranhão – Brasil)
Doutora Márcia Adelino da Silva Dias (Universidade do Estado da Paraíba – Brasil)
Doutor Adir Luiz Ferreira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)
Doutora Giovana Carla Cardoso Amorim (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Brasil)
Doutora Lucila Maria Pesce de Oliveira (Universidade Federal de São Paulo – Brasil)

COMITÊ CIENTÍFICO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Presidente: **Doutora Juliana Alencar de Souza** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN -Psicologia)
Doutor Júlio Ribeiro Soares (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN - Educação)
Doutora Leila Salim Leal (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - Comunicação Social)
Doutora Christiane M. T. de M. Gameleira (Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA - Engenharia Civil)
Doutor José R. L. de P. Cavalcanti (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UFRN - Psicobiologia)
Doutora Kadydja K. N. Chagas (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Educação Física)
Doutor Avelino de Lima Neto (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Filosofia)
Doutor Sérgio L. a Trindade (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - História)
Doutor Eduardo Henrique Cunha de Farias (Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN - Biologia)
Doutor Bruno Lustosa de Moura (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Física)
Doutora Maria da C. M. Cavalcanti (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB - Administração)
Doutor José M. N. da Silva (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Matemática)
Doutora Francinaide de L. S. Nascimento (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN -Educação)
Doutor José Paulino Filho (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP - Matemática)
Doutor Marcos Torres Carneiro (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Educação)
Doutor José Flávio da Paz (Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Estudos Linguísticos)
Doutora Laércia Maria Bertulino de Medeiros (Universidade Estadual da Paraíba- UEPB – Educação)
Mestre Maria Judivanda da Cunha (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Biologia)
Mestre João Maria de Lima (Escola da Assembleia Legislativa do

Grande do Norte – Linguística)
Mestre Eric Mateus Soares Dias (Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte - Gestão Ambiental)
Mestre Adriel Felipe de Araújo Bezerra (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN – Antropologia)
Mestre Luiz A. da Silva dos Santos (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Educação Informática)
Mestre Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza (Faculdade do Maciço do Baturité – FMB - Educação)
Mestre Valdete Batista do Nascimento (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Direito)
Mestre Bernardino Galdino de Sena Neto (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - História)
Mestre Wendella Sara Costa da Silva (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Geografia)
Mestre Rylanneive L. Pontes Teixeira (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Políticas Públicas)

ÍNDICE REMISSIVO

A
Ascensão Profissional - 46.
C
Caráter elitista - 30, 34.
Classe social - 34, 44, 49.
Comunicação familiar - 25.
Comunidade rural - 19.
E
Exercício da docência - 45.
F
Fatores econômicos e sociais - 20.
Formação Continuada - 49, 50.
Formação Intelectual - 25, 41.
G
Gestor escolar - 51, 69.
I
Infância - 13, 19, 20, 21, 22, 24, 33, 51, 66, 76.
N
Nordeste brasileiro - 20, 28.
P
Prática pedagógica - 50.
T
Transformações sociais - 34.

DEDICATÓRIA

A minha mãe Severina Maria da Conceição; aquela a quem devo a vida; quem me ensinou a dar os primeiros passos para a vida. Aquela que nunca dormia nas minhas ausências e nas lutas pela sobrevivência.

A minha esposa Marinez que, com muita paciência e compreensão, sempre esteve ao meu lado. Aos meus filhos Francisco José, João Paulo e Pedro Henrique, que suportaram minhas ausências nos momentos mais importantes de sua infância.

PREFÁCIO

TRAVESSIA DE UM SERTANEJO

O menino pobre
Viveu na zona rural,
O muito que sofreu
Não derrotou seu ideal.

Lutou muito para conseguir seus objetivos
Viveu momentos de muita preocupação,
Ajudou seu pai nas tarefas diárias
Era o sucesso nessa ocasião.

O menino homem
Sente muita dor,
Hoje as pessoas não lutam
Tanto quanto ele lutou.

As crianças que hoje têm
A idade que ele teve,
Não valorizam o estudo
Como ele valorizou.

Sua sede em busca do saber
Não se compara o que vem vivendo,
Crianças que tem condições não estudam
As que tanto querem aos poucos estão morrendo.

Seus pais podem não ter lhes transmitido
O conhecimento sistematizado,
Mas os conselhos dados
Contribuíram para formar sua personalidade.

Nunca teve brinquedos caros,
Mas nem por isso deixou de brincar,
Nas noites enluaradas e frias do terreiro onde morava,
Sua maior diversão era cantar e rezar.

O silêncio das noites escuras
Era rompido pela canção “Fui na Espanha”,
As crianças hoje não cantam
Por falta de ensinamento ou por vergonha.

Por ter sido uma criança
De classe social diferente,
Passou por muitas discriminações,
Mas, para ele, isso não se tornou tão presente.

Rezava o terço do mês mariano
Cantava benditos nos novenários
Nos períodos de estiagem,
Coisa que a maioria das crianças
E jovens hoje em dia não fazem.

No campo o menino pobre
Era o representante da fé,
Na cidade era rejeitado, desprezado
Pelo pároco e pela burguesia de pé.
Quis muito ser sacerdote
Mas esse sonho não se concretizou,
Mas pelo menos com muito esforço conseguiu chegar
aonde chegou.

Não sente vergonha do que foi
Nem do que é
Sente orgulho,

Pois conseguiu muito devido a sua fé.

Não esquece pelo que passou
Não esquece o quanto lutou,
Mas todos esses obstáculos
Contribuíram dando-lhe mais valor.

Seu sonho foi a busca
O desejo do saber,
A criança camponesa
Lutou muito e conseguiu vencer.

Hoje se tornou
Um ótimo professor,
Ainda tem sonhos
E os guarda com amor.

Talvez ainda cante
As canções nas noites frias,
Lutando para apagar as cenas
Tristes que viveu com tanta agonia.

Mas acho que não se arrependeu
Nem culpou ninguém por ter sofrido,
Pois tudo que aconteceu
Apenas contribuiu para ser
O homem que hoje é vivido,
Não mais tão sofrido.

(Geane Lima, 9º ano, 1998)

SUMÁRIO

MINHA FAMÍLIA 13
QUEM SOU? 15
MINHA INFÂNCIA & A ESCOLA 19
AS BRINCADEIRAS 24
A SAÍDA DO CAMPO PARA A CIDADE 28
A RELIGIÃO COMO OPORTUNIDADE DE MUDANÇA 33
O CURSO GINASIAL 41
A CHEGADA EM PIRANGI DO NORTE E O PRIMEIRO EMPREGO 44
A PROFISSIONALIZAÇÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA 49
PRÊMIOS CONQUISTADOS 54
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE DE PIRANGI DO NORTE E DO LITORAL DE PARNAMIRIM 57
- NA EDUCAÇÃO 57
- NO SOCIAL 60
- NO ESPORTE 61
- NAS ARTES 63
- NA SAÚDE 65
- NO TURISMO 66

SER GESTOR: UM CAPÍTULO A PARTE 69
POSFÁCIO 74
SINCEROS AGRADECIMENTOS 76
SOBRE O AUTOR 80

MINHA FAMÍLIA

MINHA FAMÍLIA

Nasci em 22 de janeiro do ano de 1963, filho do agricultor Francisco Alves de Oliveira e da agricultura Severina Maria da Conceição.

Décimo quarto dos quinze filhos de Seu Chico Alves e Dona Severina, como eram conhecidos no Sitio Várzea, município de Tenente Ananias, cidade de pequeno porte, situada na Zona Oeste ou tromba do elefante, como são conhecidos a maioria dos norte-rio-grandenses que nascem ou residem naquela parte árida do nosso estado.

Vim ao mundo em cima de uma cama feita de varas de marmeleiro e coberta com palha de bananeira. Ambiente humilde, porém, cercado de amor e carinho dos meus pais, irmãos e demais familiares.

Cresci saudável, pois, apesar das dificuldades, os primeiros anos da minha infância foram marcados por bons invernos e uma grande revolução em relação ao desenvolvimento do país e do Rio Grande do Norte, principalmente com a chegada da energia de Paulo Afonso ao nosso Estado, surgimento do Aluizismo e da Jovem Guarda. Época marcada por grandes farturas e boas colheitas no campo.

QUEM SOU?

QUEM SOU?

O menino pobre,
O filho do agricultor.
Quem sou?

O sofredor,
O sonhador.
Quem sou?

O rezador,
O contador de histórias.
Quem sou?

O vendedor de coentro,
O fazedor de buchada.
Quem sou?

O office boy de cabaré,
O escriba dos vizinhos.
Quem sou?

O jogador,
O professor.
Quem sou?

O diretor,
O vice-diretor.
Quem sou?

O ator,
O coordenador.
Quem sou?

O parteiro,
O artista,
Quem sou?

O líder comunitário,
O respeitador.
Quem sou?

O bom esposo,
O bom pai.
Quem sou?

O zelador,
O bondoso.
Quem sou?

Sou eu, Evando,
O professor,
O ator,
O diretor.

Imagem 1 – Prof. Evando Alves de Oliveira

Fonte: Acervo particular do autor, 2020.

MINHA INFÂNCIA E ESCOLA

MINHA INFÂNCIA & A ESCOLA

Das muitas coisas
Do meu tempo de criança
Guardo vivo na lembrança
O aconchego de meu lar
No fim da tarde
Quando tudo se aquietava
A família se ajuntava
Lá no alpendre a conversar
Meus pais não tinham
Nem escola, nem dinheiro
Todo dia, o ano inteiro
Trabalhavam sem parar
Faltava tudo
Mas a gente nem ligava
O importante não faltava
Seu sorriso E seu olhar
(Padre Zezinho – Utopia)

Meus primeiros contatos com a escola aconteceram somente aos nove anos de idade, uma vez que morávamos numa comunidade rural distante da sede do município de Tenente Ananias, Zona Oeste do Estado do Rio Grande do Norte.

Vivendo nessa comunidade rural, onde a oferta de emprego existia apenas no período de inverno, tive

uma infância marcada por grandes dificuldades, no entanto percebo atualmente que as minhas dificuldades de antes não eram diferentes das tantas crianças que hoje vivem no mundo inteiro. Vivia aqueles momentos com muita preocupação, insistindo em ajudar meu pai em suas tarefas diárias, porém ele não permitia que eu trabalhasse e sempre me falava: “A criança não pode trabalhar. Criança tem que brincar, estudar, receber carinho e amor, para que ela possa crescer saudável e feliz”.

Atualmente reflito sobre as palavras do meu pai, quando vejo crianças de todas as idades do Brasil e do mundo e, em particular no Nordeste brasileiro, sendo obrigadas a trabalhar antes mesmo de complementar a idade de ir à escola, para ajudar no orçamento da família, em decorrências dos fatores econômicos e sociais, que permite a exploração da mão-de-obra infantil por ser mais barata, prevalecendo assim, a concentração de renda nas mãos de uma minoria. É o coronelismo disfarçado sob a máscara de opressor, ditando regras aos oprimidos.

Apesar de não existirem programas que estimulassem os pais, oferecendo-lhes condições para colocarem seus filhos na escola, como os que temos hoje, por exemplo, “Toda Criança na Escola; Bolsa Família; Mais Educação, entre outros”, não me acomodei diante das dificuldades, enfrentando principalmente o difícil acesso às escolas que existiam nos centros urbanos mais próximos do Sitio, “Poço de Açudes” onde morávamos.

Tendo em vista que meus pais não estavam preparados para transmitirem-me um conhecimento mais sistematizado, contentava-me em assimilar os seus conselhos que, de certa forma, contribuíram significativamente na formação da minha personalidade.

A harmonia do meu lar, a tranquilidade que a natureza oferecia, tornaram-me uma criança alegre e feliz, apesar das dificuldades enfrentadas, o que difere da maioria das crianças carentes de hoje que, além do trabalho forçado, da desarmonia no lar, habitam nas vias públicas das grandes cidades, realizando tarefas indesejadas como meio de sobrevivência delas e de suas famílias, confrontando-se com as mais diversas situações, tornando-as infelizes e muitas vezes violentas.

Apesar da situação de pobreza que vivenciei em toda minha infância e adolescência isso em nada contribuiu para que mudasse minha personalidade e sempre vi a escola como oportunidade de mudança.

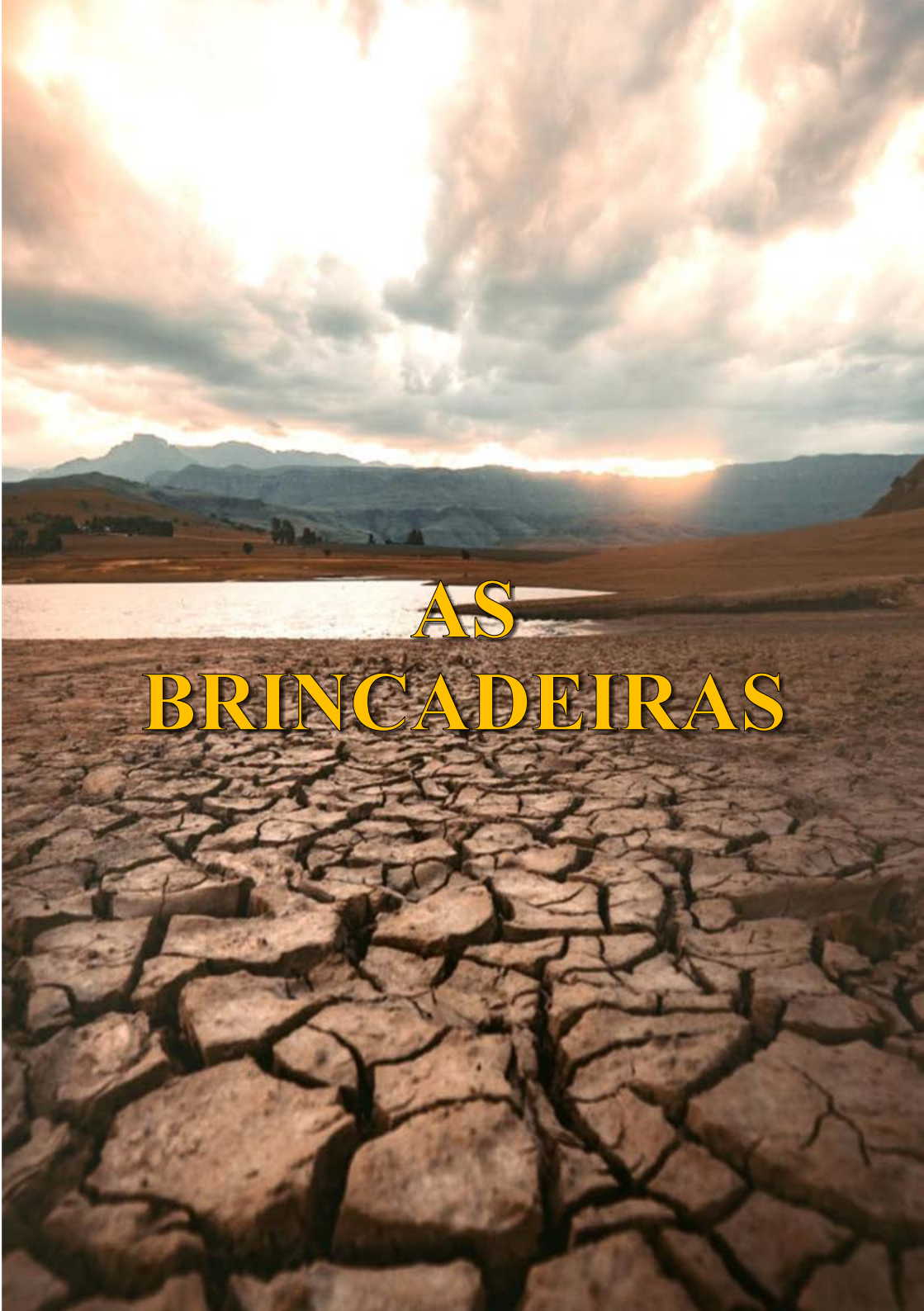
Percebo hoje, com muita tristeza, que a maioria das crianças pobres como eu, estão às margens das drogas e da violência sexual por falta de apoio do poder público e da sociedade, que ignoram seu sofrimento, vendo no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), uma oportunidade de adquirirem um lugar ao sol em casas de passagem ou em abrigos, vivendo muitas vezes em ambientes adversos ao seu lar.

Essas crianças crescem e se desenvolvem em am-

biente insalubre o que as tornam vítimas de uma sociedade que as depreciam e as excluem do seu meio social.

Apesar das condições adversas vivenciadas por mim na minha infância, isso não interferiu na formação do meu caráter. Naquela época o ambiente familiar, o aconchego do lar e a harmonia familiar, diferenciavam muito do que hoje vivemos nos seios familiares.

Foi nessa formação, pautada pelo amor e pela harmonia da minha família que vivi na minha infância, até os 06 anos de idade, de forma sofrível, mas, feliz.



AS BRINCADEIRAS

AS BRINCADEIRAS

As dificuldades financeiras dos meus pais impediram-me de possuir os brinquedos que hoje a maioria das crianças tem acesso. Contentava-me apenas com os brinquedos figurativos que construía. Ossos e mangas transformavam-se em bois, as cabaças que brotavam do roçado do meu pai, figuravam como se fossem bonecos. Nossas casinhas eram feitas de mata-pasto que brotava em abundâncias na zona rural. O lúdico sempre fez parte da minha infância. Recordo-me das cantigas de rodas que cantávamos para enaltecer as noites enluaradas e frias do terreiro da casa de pau a pique onde morávamos, no Sitio Poço do Açude.

Transformávamos o silêncio das noites escuras em noites de festas ao som das emboladas e das cantigas de rodas, como “Fui na Espanha...”.

Hoje procuro resgatá-las, não só com fins de entretenimento, mas, sobretudo, como meio de resgatar essa cultura tão esquecida pelas crianças e famílias da atual sociedade.

Apesar das nossas dificuldades, percebo que aquelas noites no terreiro, em harmonia com a natureza, transformaram-se nos dias mais felizes que passei junto com minha família. Hoje, com o desenvolvimento tecnológico e o acesso aos brinquedos eletrônicos por muitas crianças, esses aspectos culturais não são aproveitados. Crianças de todas as idades passam muitas vezes noites inteiras em

frente a uma tela de TV, computador, smartphones ou tabletes, tendo acesso a conteúdo que em nada contribui para a formação da sua cidadania. Programas que, na maioria das vezes, incentivam a prostituição infantil, o uso de drogas, a criminalidade, o desrespeito e o acesso à violência.

Com o advento dessas mídias, essa cultura tem ficado cada vez mais distante de nossas crianças.

Nos dias atuais estamos percebendo que o fim da estrutura familiar está cada vez mais perto de se concretizar.

Hoje não há mais uma comunicação familiar. Cada um se fecha numa tela de celular e todo aquele diálogo frente a frente dos filhos com os pais vem desaparecendo com grande velocidade.

Percebemos que apesar do avanço tecnológico, esses aspectos também tem influenciado de forma negativa na formação intelectual e no caráter das nossas crianças e adolescentes, pois o seu uso de forma exagerada e descontrolada, tem trazido sérias consequências para a saúde física e mental daqueles que farão o futuro da nação.

Imagem 2 – João Guilherme (Neto)

Fonte: Acervo particular do autor, 2019

A SAÍDA DO CAMPO PARA A CIDADE

A SAÍDA DO CAMPO PARA A CIDADE

"A vida aqui só é ruim
Quando não chove no chão...
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara".
(Luiz Gonzaga).

A partir de 1969, quando a região onde morávamos estava sendo bastante castigada pela seca, a nossa situação financeira não permitiu nossa permanência na zona rural. No ano seguinte, fomos obrigados a nos transferir para a cidade em busca de melhores condições de vida. Atualmente, este fato ainda é muito comum no nordeste brasileiro; famílias inteiras vivem procurando centros urbanos, fugindo da seca e da vida no campo, na esperança de proporcionarem aos seus filhos um futuro melhor, configurando-se assim o êxodo rural.

Em 1970 nos transferimos para o Povoado de Serra Branca, no Município de Sousa – PB (hoje Município Vieirópolis). Lá dá-se início ao nosso sofrimento. Tínhamos levado uma vaca por nome Tesoura, uma garrota e um cavalo, porém as necessidades foram tantas que meu pai teve que vender para pagar o aluguel e comprar comida.

Nesse período eu era obrigado a carregar água numa lata na cabeça e em troca recebia um pedaço de rapadura e um punhado de farinha para saciar a fome que era

muito grande. Moramos ali até o início do ano de 1971. Como retirantes tivemos que retornar para o Rio Grande do Norte, agora para uma fazenda chamada Pau Barriga – Município de Tenente Ananias.

Pensávamos que parte do nosso sofrimento chegaria ao fim. Engano, lá a seca foi mais forte ainda. Não tão diferente de Serra Branca, muitas vezes não tinha se quer como ganhar um pedaço de rapadura para saciar a fome. Lembro-me com muita tristeza o dia em que amenizamos nossa fome com um caldo de rolinha que meu irmão João conseguiu matar com um estilingue. Mas nosso sofrimento não parava por aí. Como meu pai era fumante e não tinha dinheiro para comprar o fumo, ele pedia para que acompanhasse os tropeiros e ao passo em que eles fossem soltando a ponta dos cigarros, trouxesse para que ele pudesse desmontar e fazer seu cigarro de palha, só assim, ele conseguia ir para o roçado naquele dia.

Era de cortar o coração, ver um dos maiores agricultores passar por aquela situação.

Muitas vezes senti meu estomago doer de tanta fome e éramos obrigados a comer xique-xique, umburana e algaroba, plantas resistentes à seca.

Tínhamos que pegar água com sete léguas para não morrer de sede, mas repito, que todo esse sofrimento contribuiu ainda mais para me tornar o que sou.

De tanto sofrer e já debilitado pelo sofrimento exaustivo provocado pela seca no campo, fomos obrigados

a procurar o Centro Urbano como meio de sobrevivência e Tenente Ananias era a cidade mais próxima para esse fim.

Ao chegarmos à cidade de Tenente Ananias, sede do município, percebemos, decepcionados, que não havíamos encontrado a solução para nossos problemas. Além da falta de emprego e de habitação, sofríamos com a discriminação por parte de algumas pessoas que pertenciam a uma classe socioeconômica privilegiada.

Uma criança de classe inferior não poderia frequentar os meios sociais dos mais favorecidos, principalmente as escolas onde as poucas vagas que existiam eram reservadas aos filhos de pessoas influentes, configurando-se assim o caráter elitista e separatista da escola na época. No campo, apesar do sofrimento, essas discriminações não existiam, pois vivíamos numa comunidade homogênea, onde todos tinham o mesmo valor dentro do grupo. Os filhos dos agricultores vindos do campo, não tinham os mesmos privilégios que tinham os filhos dos mineradores de água marinhas e dos fazendeiros, atividades econômicas predominantes naquela cidade na década dos anos 70. Estas classes sociais exploravam a mão de obra barata dos migrantes vindos do campo, o que as tornavam mais ricas e poderosas.

Imagem 3 – Roça de Milho

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

A RELIGIÃO COMO OPORTUNIDADE DE MUDANÇA

A RELIGIÃO COMO OPORTUNIDADE DE MUDANÇA

"O Deus que se faz homem para conduzir o homem a Deus é o fundamento da pedagogia Católica, o protótipo eterno de todos os educadores e a inesgotável fonte inspiradora de todos os educadores."

Dr. Mesquita Pimentel.

Imagem 4 – Visita a estátua de Santa Rita de Cassia (Santa Cruz-RN)

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2004

Impossibilitado de frequentar uma escola, em virtude das dificuldades econômicas e sociais, e com uma formação centrada nos princípios religiosos dos meus pais, busquei na igreja Católica uma solução para resolver nossos problemas. Durante toda minha infância, de menino pacato da zona rural, ajudava rezar os terços do mês mariano. Lembro-me dos "benditos" que cantava nos novenários e nos períodos de estiagem. Movidos pela fé, saímos de roçado e dentro, cantando e suplicando a São José, Santo pro-

tetor do homem do campo, chuva para assegurar a colheita daquele ano. Coisa que a maioria das crianças de hoje não fazem, em consequência das transformações sociais pelas quais passaram as comunidades rurais no final do século XX e início do XXI.

Baldado por não ter a oportunidade de acesso a uma escola, procurei frequentar a casa paroquial e a igreja, na tentativa de ingressar entre as crianças que participavam do coral daquela Instituição Religiosa. Via, através desses entrosamentos, a oportunidade de realizar um dos sonhos de meus pais, que era de me tornar um sacerdote, pois ter um filho padre nas décadas de 60 e 90 era motivo de orgulho para qualquer família.

Sonhos esses, que hoje não são mais alimentados nos jovens, uma vez que o sacerdócio não apresenta mais nenhuma perspectiva de realização pessoal. Este sonho, no entanto, não se concretizou. A realidade vivenciada por aquele camponês, diferenciava da realidade do Evando pobre da cidade. Enquanto no campo ele era o representante da fé dos camponeses, o Evando da cidade era rejeitado, desprezado pelo pároco e pela burguesia. O caráter elitista e seletivo da sociedade, também era reproduzido na casa paroquial. Só frequentavam aquela casa, e só participavam do coral do Centro Cívico os filhos de pessoas influentes, procedentes da classe social burguesa, o que deixava crianças carentes, como eu, se tornarem pessoas incapazes de interagir dentro daquela sociedade excludente. Sempre vi

na escola a oportunidade de adquirir o conhecimento necessário e que fosse capaz de me despertar em defesa da conquista dos meus diretos e deveres dentro da sociedade e como recompensar o meu trabalho forçado.

Aos 9 anos de idade perdi meu pai, pessoa que me transmitia amor e segurança nas horas mais difíceis. Só restava a escola como meio de superar as dificuldades. Vieram a 1ª e a 2ª séries e a dedicação pelos estudos prosseguia. O menino camponês tornava-se um pequeno trabalhador, que já lia e escrevia corretamente. A perda paterna levou-me para a rua, não como mendigo, mas como o que enfrentava as mais árduas tarefas, como meio de sobrevivência.

O que ganhava dividia entre o material escolar e o sustento da família. Percebia, com grande entusiasmo, a admiração que despertava na vizinhança. Era considerado um exemplo para as outras crianças do bairro, pelo comportamento e pela dedicação aos estudos.

Tinha a professora Francisca Maria de Silveira (Dona Francisca Moreira), de saudosa memória, a oportunidade de acesso à escola. Lembro com muita saudade de minha primeira sala de aula e da maneira como era sistematizado o ensino. Funcionava na sala da casa da professora Francisca Moreira, numa mesa grande de madeira e quatro bancos grandes, também de madeira, e no primeiro banco sentavam cinco alunos da 1ª série, no segundo banco, cinco da 2ª série, no terceiro, cinco da 3ª e no quarto, os da 4ª série. Eu fui um dos que sentei nos três bancos.

Imagem 5 – Imagem Representativa

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2021.

Aprendi a ler e escreve já no primeiro banco, mas para isso que teria que todos os dias encher os potes da casa da professora com água trazida em ancoreta e carregadas no lombo de um jumento, viajando muitas vezes, por duas a três léguas.

Uma das tarefas que fazia que mais me constrangia, era a de office boy de cabaré (menino de recado das raparigas). Essa atividade baseava-se nas entregas de bilhetes/convites das raparigas para os homens da cidade que gostavam de frequentar aquele ambiente de prostituição.

Minha paga, como falávamos naquela época, consistia na medida do ganho provimento da aceitação daqueles clientes.

Época muito difícil da minha vida, uma vez que era o 5º filho do 3º casamento do meu pai com minha mãe. Além disso, tinha que pegar e devolver duas ou três trouxas de roupas para minha mãe lavar e passar.

Todos os dias me levantava às 05 horas da manhã para vender coentro de porta em porta e, aos domingos, ia fazer os mandados dos feirantes do Mercado Público e em troca recebia verduras que sobravam no final da feira.

Todos os domingos antes de ir para feira, ficava esperando meus padrinhos Raimundinho de Seu Emídio e Calixto que me dava uma moeda de 200 reis e eu saia feliz da vida para comprar meu pão doce. Aquele era o dia mais feliz da minha vida. Obrigado padrinho Raimundo e padrinho Calixto por ter saciado minha fome por tantas vezes.

Por ser uma das poucas pessoas que lia e escrevia no bairro Rua Nova, era muito solicitado para escrever, ler ou respostar as cartas da vizinhança, principalmente as que chegavam de São Paulo e Brasília, pois, naquela época havia uma fuga muito grande de pessoas do Nordeste indo para essas regiões à procura de melhores condições de vida. Tornei-me, assim, o escriba para aquela gente. Compartilhando dos momentos alegres e das adversidades.

Reprovação não fazia parte do meu currículo escolar e a vontade de vencer superava qualquer dificuldade.

Nessa mesma época, por volta da década de 70, minhas quatro irmãs mais novas foram trabalhar nas casas de família e o que ganhavam era apenas alimentos e poucas mudas de roupas.

No final da tarde e início da noite, eu ia ao encontro delas e levava um caldeirão para recolher o restante de comidas nas casas que elas trabalhavam para saciar a fome

dos meus outros irmãos que ficavam em casa.

Ao concluir a 4ª série, já na Escola Acadêmico Mauro Abrantes, começava uma nova fase na minha vida escolar. A escola de Dona Francisca, já não era mais suficiente. Concluir o 1º grau (hoje, Ensino Fundamental), era muito importante na luta pela conquista de uma profissão. As diferenças sociais ainda se faziam muito presente. Percebia que só através do conhecimento sistematizado é que se conquista um futuro melhor.

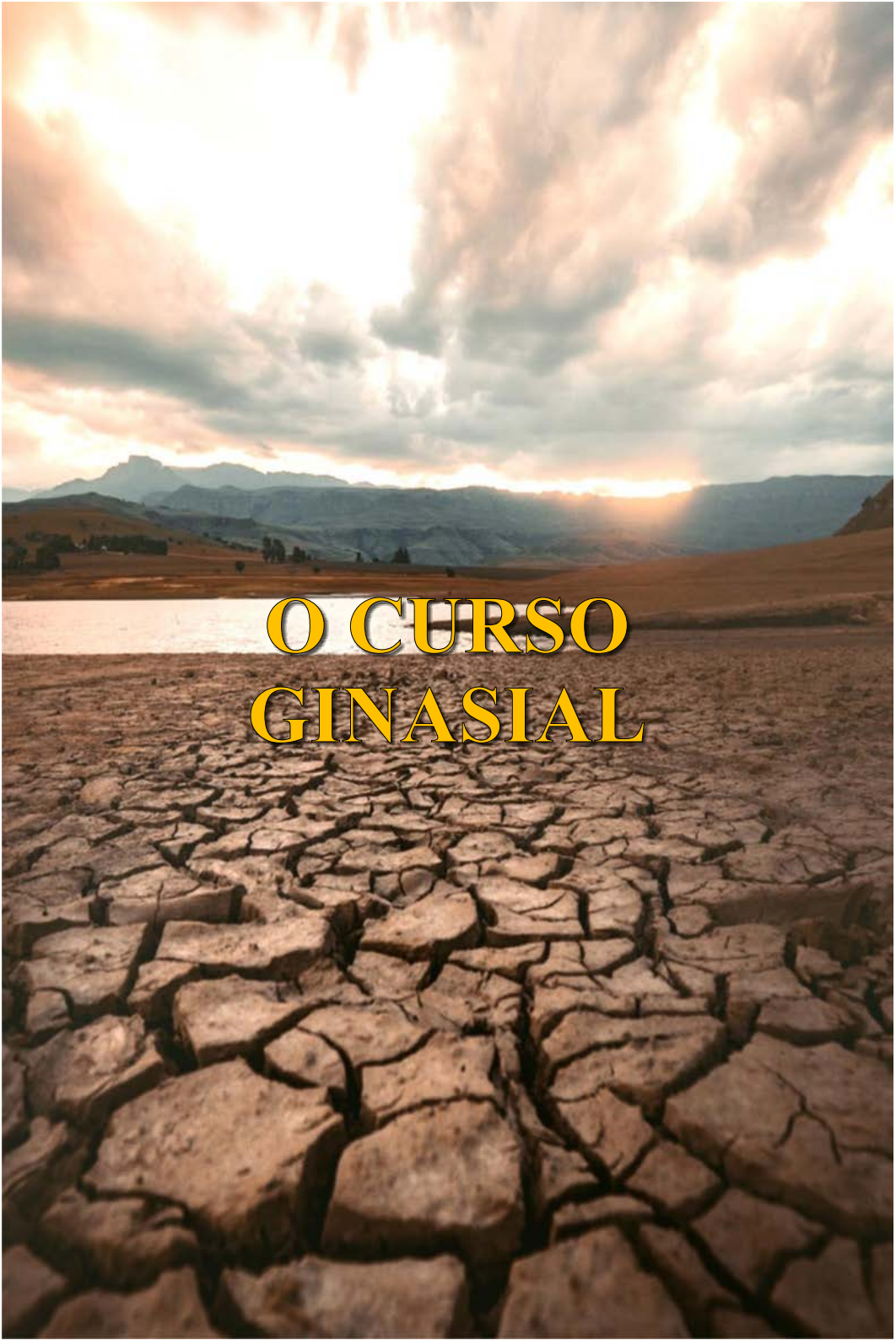
Sem condições financeiras para prosseguir nos estudos, repeti a 4ª série, agora, não, mas com o mesmo entusiasmo, mas apenas pelo prazer de frequentar uma escola e como também poder auxiliar a professora em suas tarefas didáticas, uma forma de retribuir a sua dedicação por mim. Mas logo no ano seguinte fui convidado para morar na residência de um senhor de boa situação econômica, na qual realizaria tarefas domésticas e em troca a oportunidade de estudar. Não era o trabalho que almejava, porém o desejo de prosseguir nos estudos era o mais importante naquele momento.

A casa de Dandão, como era conhecido o Sr. João Fernandes de Oliveira (de saudosa memória), era um misto de casa de família e casa de recursos (casa onde as mulheres da noite se reuniam para se divertirem com os homens).

Lá aprendi a limpar “fatos” e fazer buchada em troca do direito de me matricular na escola e de custear meus estudos. Durante o dia fazia as tarefas e à noite ia

para escola.

A partir da convivência na casa de Dandão e Rita Preta, aos poucos comecei a sentir que minha vida poderia ter um novo rumo e o estudo, para mim, era o caminho mais fácil que dispunha para mudar minha vida e seguir em frente de cabeça erguida, disputando espaço entre os jovens, aqueles que, num passado bem próximo, me discriminavam e me desprezavam.



O CURSO GINASIAL

O CURSO GINASIAL

"A educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavancas das mudanças sociais".

(Paulo Freire)

Em 1976 matriculei-me na Escola Municipal "Acadêmico Mauro Abrantes".

Tudo era novo e diferente para mim. No início, sentia-me deslocado no meio daqueles adolescentes de outras classes sociais, no entanto, o profissionalismo dos professores me encorajava e eu passava a acreditar cada vez mais que o conhecimento e a formação intelectual é o caminho mais fácil para vencer as diferenças sociais.

Estudei na Escola Acadêmica Mauro Abrantes até a 7ª série. No ano seguinte, 1981, fomos transferidos para a Escola Estadual Demócrito de Sousa Veras. Uma escola construída para atender à demanda da época.

Apesar das adversidades, aos poucos fui interagindo com aqueles diferentes grupos de adolescentes. Na condição de ter o Sr. João Fernandes de Oliveira como meu tutor e também responsável por minha matricula, bem como por ele exercer influência na sociedade da época, eu acabava recebendo dos colegas de sala de aula, provenientes de classes sociais mais alta, uma aceitação sem discriminação, sendo que os professores sempre me trataram com muito zelo e profissionalismo, dentre os quais cito a professora

Nenzinha, de Ensino Religioso, Fatima Melo, de Geografia, Manoel Jacomé, de Matemática, Ana Regina, de Ciências, Valnira Luguinho, de Inglês, Buriti, de Língua Portuguesa, e os diretores Dãozinho e Tarciso, entre outros.

Imagem 6 – Escola Estadual Demócrito de Sousa

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2021.

A CHEGADA EM PIRANGI DO NORTE E O PRIMEIRO EMPREGO

A CHEGADA EM PIRANGI DO NORTE E O PRIMEIRO EMPREGO

Ao concluir o Ensino de 1º Grau (hoje, Ensino Fundamental), o 2º Grau (atual Ensino Médio), era um novo desafio que deveria enfrentar.

Apesar de já ter adquirido o domínio dos conhecimentos básicos, algo que muitas crianças da minha classe social não conseguiam, o desejo de prosseguir nos estudos era cada vez mais forte, mas uma infeliz coincidência ameaçava novamente minha vida escolar. Não tinha mais Seu Dandão, a pessoa que me apoiava financeiramente. O que fazer diante do desejo de continuar estudando, agora em condições piores e por ter que deslocar-me até a cidade vizinha de Alexandria? Como enfrentar esse novo desafio e encontrar um meio de fugir daquela situação e buscar novos horizontes onde pudesse estudar e trabalhar? A minha visão de mundo fazia-me acreditar que, num centro urbano maior, poderia encontrar a solução definitiva para tantas dificuldades.

Em 1982, transferi-me para a Praia de Pirangi do Norte, no município de Parnamirim/RN. Os primeiros momentos foram marcados pela solidão e angústia da separação da minha terra natal. Lá, apesar das dificuldades, tinha minha família e os amigos para compartilhar das alegrias e das tristezas pelas quais passava para chegar onde cheguei.

Aos poucos, fui me entrosando e conquistando a

amizade e a confiança de todos, principalmente de pessoas influentes no meio político local, que serviram como ponto de partida na conquista do primeiro emprego.

Em 1983, fui convidado para lecionar na Escola Municipal Dr. Otávio Tavares, apesar de não ter a devida qualificação. Surgia, assim, uma nova oportunidade real de mudanças.

Recordo-me da emoção que senti no primeiro dia de trabalho como professor leigo. Era numa 2ª série, composta por 23 alunos na faixa etária entre 09 e 11 anos de idade. Senti-me bastante inseguro. A emoção de estar diante daqueles alunos tomava conta de mim. As primeiras palavras eram pronunciadas com muita dificuldade. Os primeiros escritos no quadro negro começavam na horizontal e terminavam na vertical. Neste momento foi muito forte a lembrança da professora Francisca Maria da Silveira e do seu jeito simples de ministrar suas aulas. Sua postura de professora serviu-me de modelo para superar os obstáculos. No mesmo instante, percebi que a decepção que havia sentindo por não ter me tornado sacerdote poderia ser recompensada no pleno exercício da docência.

A Escola Municipal Dr. Otávio Tavares foi o marco mais importante para minha vida profissional. Lá encontrei a professora Maria Francisca Xavier, uma das melhores alfabetizadoras que já conhecei. Com ela aprendi os primeiros passos para me tornar Professor.

Tive o prazer de conhecer a supervisora Maria

Suzete Francisca Lira, que, junto aos demais colegas, com Dona Maria, Professora Esmeraldina, Prof. Lúcia Lopes, ainda no Dr. Otávio Tavares, ensinaram-me o caminho de como ser um bom professor.

E em poucos anos eu já era considerado como um dos bons professores de Pirangi do Norte.

Partindo do princípio de que, pelo fato do reconhecimento da comunidade, o meu trabalho era bem conceituado, aumentavam ainda mais as minhas responsabilidades em aperfeiçoar os meus conhecimentos.

Imagem 7 – Prof. Maria Francisca Xavier

Fonte: Acervo pessoal do autor, 1989.

Além das colegas já mencionadas, também posso citar, como incentivadores e colaboradores na minha ascensão profissional, a professora Josefa Dantas Paizinho, que confiou o comando administrativo da escola Dr. Otávio Tavares, a professora Francisca Preta, de Pium, e o professor Creso Agostinho de Aguiar, que juntos proporcionaram mi-

nha entrada na Escola Prof. Apolinário Barbosa e na Escola Estadual Professora Maria Araújo.

Imgem 8 - Escola Municipal Dr. Otávio Tavares

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2004.

A PROFISSIONALIZAÇÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA

A PROFISSIONALIZAÇÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA

O interesse pela profissão de professor despertou-me a necessidade de aperfeiçoar meus conhecimentos. Deveria buscar uma qualificação profissional que viesse ao encontro aos interesses daquela comunidade escolar, pois sendo uma pessoa vindo de uma classe social inferior, sentia-me no dever de contribuir na melhoria da educação, principalmente em Pirangi do Norte, onde o ensino era considerado, por alguns, de baixa qualidade e o professor nativo não era visto pela comunidade escolar como uma pessoa qualificada para exercer a profissão, dessa forma participei de diversos cursos de capacitação profissional como descritos, a seguir:

1981 – Conclusão do Curso de Ginasial (Ensino Fundamental o 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental).

1986 – Conclusão do Curso de Professor de 1ª a 4ª série em nível de 2º Grau (Ensino Médio) Magistério-Logos II;

1987 – Conclusão do Curso de Primeiros Socorros;

1992 – Conclusão do Curso "Um Salto para o Futuro" 1ª Etapa;

1993 – Conclusão do Curso "Um Salto para o Futuro" 2ª Etapa;

1994 – Conclusão do Curso "Um Salto para o Futuro" 3ª Etapa;

1994 – Conclusão do Curso de Atualização de Professores

da 1ª a 4ª Série em Geografia;

1995 – Participação com sucesso de Curso de "Sensibilidade em DST/AIDS;

1999 – Participação com sucesso do curso de Educação em Valores Humanos;

2000 – Participação do Curso em Elaboração do PDE;

2001– Conclusão do Curso de Formação Continuada em EJA;

2001– Conclusão do Curso de Inglês para o Turismo;

2002 – Conclusão do Curso de Windows/95, Word e Excel;

2002 – Conclusão do Curso de Corte de Cabelos;

2003 – Conclusão do Curso Parâmetros em Ação;

2004 – Conclusão do Curso de Capacitação para Formadores do Ensino Fundamental;

2004 – Conclusão do Curso de Formação Continuada em EJA;

2006 – Participação do Curso sobre os Direitos da criança e do Adolescente;

2006 – Conclusão do Curso de Formação para Gestor;

2010 – Participação do Curso de Capacitação Comunitária.

Preocupado em aperfeiçoar cada vez mais a minha prática pedagógica, em 1997 resolvi concorrer a uma vaga no Curso de Formação de Professores de 1ª a 4ª série do Ensino de 1º Grau (hoje, Ensino Fundamental) – Licenciatura Plena, oferecido pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, ministrado no Instituto de Formação de Professores Presidente Kennedy – IFP, Natal/RN.

Obtendo uma classificação satisfatória, ingressei no IFP com uma perspectiva de vivências e inovações pedagógicas a fim de mudar minha postura como professor. Logo percebi que não existe receita para modelar um professor ideal, o que deve existir, no entanto, é a dedicação em buscar um conhecimento capaz de mediar o conhecimento, propiciando aos alunos a percepção da realidade, interagindo como agente construtor e transformador do seu meio, concluindo essa graduação em 1999.

Em 2010 conclui o Curso de Pós-graduação promovido pela UNP, onde dissertei sobre o papel do Gestor Escolar no século XXI. Nesse trabalho procurei mostrar algumas das minhas experiências como gestor escolar.

Partindo das reflexões sobre a minha infância e a grande parte da minha história de vida, voltada para a escola pública, sentindo e vivendo a importância do meu exercício na formação de seres que devem estar preparados para o exercício da cidadania.

Nunca vou esquecer de que a escola é o ponto de partida para a transformação de qualquer ser humano.

Apesar do respaldo teórico e metodológico que adquiri como estudante, jamais estarei totalmente pronto. Faz-se necessária a busca de um aprendizado constante nessa travessia de um educador que é também educando, pois aprendi com meus colegas e professores e sei que os idosos, os jovens, os adolescentes e as crianças têm muito a me ensinar, impulsionando-me a buscar e aprender sempre,

engajando-me numa luta incessante em prol do meu crescimento profissional.

PRÊMIOS CONQUISTADOS

PRÊMIOS CONQUISTADOS

1992 – Medalha de professor destaque do ano, juntamente com alguns alunos da escola.

2002 – Título de cidadão Amigo de Pirangi do Norte, mérito por ter de dedicado quase vinte anos ao trabalho pela comunidade de Pirangi do Norte do Litoral de Parnamirim;

2004 – Título de Gestor/professor que apresentou com êxito o compromisso no desempenho no combate a evasão escolar na modalidade da EJA, tendo a escola Dr. Otávio Tavares obtido o 1º lugar nesse item.

Imagem 9 – Entrega do certificado melhores da EJA

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2006

Título de Cidadão Parnamirinense, com a menção do Sr. Vereador Gildásio Figueiredo, recebi da Câmara Municipal de Parnamirim.

Imagem 10 – Entrega do Título de Cidadão Parnamirinense

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2011.

CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE DE PIRANGI DO NORTE E DO LITORAL DE PARNAMIRIM

CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE DE PIRANGI DO NORTE E DO LITORAL DE PARNAMIRIM

NA EDUCAÇÃO

1983 - 1993 – Professor nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Dr. Otávio Tavares e Escola Estadual Prof. Apolinário Barbosa, onde ganhei o respeito de todos da comunidade do litoral de Parnamirim e comunidades adjacentes;

1987 – Professor Leigo de Língua Estrangeira nos anos finais do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professora Maria Araújo, em Pium.

1988 – 1993 – Professor Leigo de Geografia, OSPB, EMC, Ensino Religioso, Ensino de Arte e Educação Física, na Escola Estadual Prof. Apolinário Barbosa, onde obtive o reconhecimento de toda comunidade escolar. Na oportunidade recebi o título de melhor professor daquela época.

Imagem 11 – Melhores do ano de 1992

Fonte: Acervo pessoal do autor, 1992.

1995 – 1998 – Diretor da Escola Estadual Professor Apolinário Barbosa, onde o desafio maior foi a implantação, com sucesso, do Ensino Médio.

1999 - 2008 – Vice-diretor da Escola Municipal Dr. Otávio Tavares, cujo resultado foi o resgate da credibilidade e o respeito da comunidade escolar. Nesse período, implantamos na escola a modalidade da EJA, na tentativa de minimizar os efeitos do analfabetismo em nossa comunidade e em comunidades vizinhas.

2001 – 2004 - Vice-diretor da Escola Estadual Prof. Apolinário Barbosa, momento em que a escola passava por dificuldades. Buscamos, com êxito, o resgate na qualidade do ensino e do respeito aos profissionais da educação.

2005 (março a maio) – Diretor da Escola Professora Maria Araújo. Ser diretor dessa escola foi o meu maior desafio, pois havia a necessidade de reestruturar a sua estrutura física, resgatar a credibilidade da comunidade escolar e recolocar no rumo do desenvolvimento.

2005 – 2007 – Convidado pelo vereador Siderley e o Prefeito Agnelo Alves para ser o primeiro diretor da Escola Municipal Raimunda Maria da Conceição, em Pium. Iniciamos as atividades pedagógicas nessa escola no mês de julho de 2005, com 300 alunos. Foi o início de uma nova era para mim e para a comunidade escolar de Pium. Fui considerado por todos como o diretor zeloso em todas as atribuições a mim delegadas.

No ano seguinte, inaugurei a Escola Municipal Dep. Erivan França. Passei um ano como gestor e tive que me ausentar por problemas de saúde. Durante esse período, recebi novamente os elogios da população e o reconhecimento pela minha dedicação.

Em seguida fui eleito, juntamente com o Professor Nilo Pereira, para um mandato de dois anos, sendo considerado modelo de gestão escolar no Munícipio de Parnamirim/RN.

2007 - Participei da criação do Conselho Municipal de Educação de Parnamirim, onde fui membro titular representando os gestores e os conselhos escolares. Conselho muito importante para o desenvolvimento da educação de Parnamirim.

2013 - Fui eleito presidente do conselho Municipal do FUNDEB. Foram momentos de muito aprendizado. No conselho pude contar com a colaboração da Professora Luciene Paiva, que, juntos, proporcionamos restruturação e transparência nas prestações de conta do conselho.

2010 - 2011 – Vice-diretor eleito em eleição democrática da Escola Estadual Prof. Apolinário Barbosa. Nesse período tive como desafio maior a reestruturação da estrutura física da escola, dinamização do ensino, o resgate da credibilidade e o respeito da comunidade escolar no trabalho desenvolvido.

2017 – 2019 - Fui Coordenador do Desenvolvimento da Gestão Escolar. Era mais um grande desafio a enfrentar. Convidado pela então secretaria Municipal de Educação de Parnamirim/RN, Ana Lúcia, procuramos atender, de forma humanizada, todos as 67 unidades escolares de Ensino do Município de Parnamirim. Mas, nada teria sido feito se não tivesse a participação de uma grande equipe, na qual destacamos a Professora Marliete Farias, Alcione Flávia, Ana Neri, Roseane Castro, Emanuel, Margarida da Rosas e demais membros da equipe, sem os quais não teria alcançado tamanho reconhecimento por parte dos gestores.

NO SOCIAL

Participei da fundação do grupo Marial de Pirangi do Norte – JUMAP. Fui presidente por dois mandatos. O objetivo principal desse grupo era congregar os jovens em torno da Mãe de Deus e promover para todos uma convivência espiritual e uma formação religiosa que contribuísse com a formação de sua personalidade e bom convívio na sociedade.

Vice-diretor da Associação de Moradores de Pirangi do Norte, por três mandatos. Junto com a comunidade reivindicamos, com êxito, a construção da escola, centro infantil, hospital, calçamento de ruas, além da divulgação do turismo de Pirangi e do Rio Grande do Norte para o mundo inteiro.

NO ESPORTE

Imagem 12 – Pirangy Esporte Clube

Fonte: Acervo pessoal do autor, 1989.

Fui goleiro do Pirangy Esporte Clube por mais de 15 anos. Durante esse período, participei de campeonatos de bairros e conquistei, além de troféus, medalhas e prestígio entre os desportistas do Litoral de Parnamirim. Exemplo de atleta fez com que eu fosse presidente do Pirangi Esporte Clube, por dois mandatos, de onde nunca sai para outro clube.

Como professor de futebol pela Escola Estadual

Prof. Apolinário Barbosa, conquistamos vários títulos escolares, entre eles destacamos campeão de CEME's e participações, com sucesso, nos JERN's.

Imagem 13 – CEME's 2000

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2000.

Um dos títulos escolares mais significantes foi a medalha de bronze na 1ª Copa Nordeste de Futebol de Escolas Estaduais, disputada, em Natal, no dia 03/10/2001.

Dentre outras atividades esportivas significantes que participei, foi a criação de uma escolinha de futebol de campo. Nos horários vagos dispunha para o trabalho com crianças de todas as idades que residem na minha comunidade de Pirangi do Norte.

Imagem 14 – 1ª Copa do Nordeste de Escolas Campeãs, 3º Lugar.

Fonte: Acervo pessoal do autor

NAS ARTES

Em 1986 criamos, junto com o professor Geraldo Medeiros e os alunos da Escola Estadual Prof. Apolinário Barbosa, o Grupo Teatral Professor Geraldo Medeiros, no qual atuei por cinco anos consecutivos na Peça Teatral Paixão de Cristo, no papel de Jesus Cristo.

Imagem 15 – Paixão de Cristo

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2001.

Entre 2005 e 2006 participei do Auto de Santa

Luzia em Pium, atuando no papel de Parcácio, sob a direção da amiga Cícera, que me convidou para atuar nesse papel. Em Parnamirim participei da Paixão de Cristo, sob a direção da irmã Luzia. Por esse trabalho fiquei conhecido na comunidade como o homem das sete artes.

Em 2005 apresentamos a primeira feira de cultura da Escola Municipal Dr. Otávio Tavares, onde reproduzimos, com sucesso, o trabalho do artista Victor Valentim, intitulado de O Sacrário, muito admirado e logiado por todos que o visistaram.

Imagem 16 – Auto de Santa Luzia

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2006

Em 2011 participei do Auto de Natal e do I Arraia da Integração, eventos que entraram para o calendário de eventos do município de Parnamirim por agregarem toda a comunidade escolar e demais entidades comunitárias de

Pirangi do Norte.

Imagem 17 – Feira de Cultura Esc. Mun. DR. Otávio Tavares

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2012.

NA SAÚDE

Fui agente de saúde escolar na Escola Municipal Dr. Otávio Tavares, na década de 90. Esse programa tinha como objetivo identificar os principais agentes causadores de doenças nos estudantes, entre os quais destacamos sarna, piolho, deficiência visual e bicho de pé.

Imagem 18 – Rita e Irmã

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2012.

Com o pouco conhecimento na área da saúde, mas com muitas experiências de vida, ajudei a menina Rita a vir ao mundo, o que me rendeu o título de parteiro. Dentre os desafios enfrentados, esse foi o mais assustador, porém, o mais importante em toda minha vida. Foi a realização de um sonho frustrado da minha infância: de ser médico.

NO TURISMO

Além da divulgação do turismo para o mundo inteiro, procurei elevar o turismo do Estado do Rio Grande do Norte através de atividades culturais e participação em eventos voltados para o desenvolvimento do turismo, tendo como principal objetivo a geração de emprego e renda.

Imagem 19 - ABAV

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2012.

SER GESTOR: UM CAPÍTULO A PARTE

SER GESTOR: UM CAPÍTULO A PARTE

Será que o gestor escolar já se deu conta de sua importância como agente de mudanças sociocultural na instituição escolar onde atua?

Partindo desse questionamento, pude perceber que o meu maior desafio como gestor foi a busca constante de conhecimento para que pudesse gerenciar bem e com segurança o processo de ensinar e de aprender.

Assim aprendi que o gestor do século XXI deve ser a autoridade responsável pela implementação de mudanças constantes, que possa gerar resultados positivos dentre de um processo transparente e participativo.

Peter Drucker (1999, p. 120) afirma que "Nenhuma outra área é maior a diferença entre a produtividade de trabalho manual e a produtividade do conhecimento". Dessa forma, todos aqueles que postularem o cargo de gestor escolar no século XXI devem ter sua consciência gerencial pautada no potencial ilimitado do conhecimento e no uso dos meios tecnológicos. Drucker (1999, p. 41) afirma ainda que "o gestor e sua equipe são as ferramentas especiais para tornar uma instituição capaz de produzir bons resultados".

Guardo em minhas memórias momentos muitos significantes na condução de professor e gestor, como exemplo possa citar os inúmeros alunos que hoje estão realizados em suas profissões, como é o caso do Dr. Edivaldo, que foi meu aluno na EJA (Educação de Jovens e Adultos),

o caso de Lucenildo Silva de Souza, um dos melhores professores de Geografia do nosso Estado, Vagner George, o professor exemplar de Educação Física, e tantos outros espalhados por todo país.

Dessa forma, fui percebendo, ao longo da minha trajetória, o quanto fui importante e o quanto influenciei, de forma positiva, a vida de tantas crianças, jovens e adolescentes.

Recordo-me, ainda, de muitos outros momentos que tive que passar para que pudesse chegar aonde cheguei. Dos inúmeros conflitos entre os alunos onde muitas vezes tive que intervir para que não acontecesse algo maior. E isso só foi possível porque todos estiveram unidos e trabalhando em parcerias".

Foi buscando essa união e essas parcerias que me permitiram ser gestor e enfrentar os desafios encontrados nas Escolas por onde eu passei, seja como professor, coordenador ou gestor. Em um desses momentos, cito a indisciplina de alguns alunos que, com muita união da equipe, pude superar e vencer grandes obstáculos.

Imagem 20 – Equipe gestora do Erivan França em 2017

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2017.

Lembro-me de uma vez que tive que enfrentar uma situação na Escola Estadual Prof.ª Maria Araújo: um aluno de 17 anos e de, mais ou menos, 1,70m, que tive que dar uma suspensão por verificar que o mesmo estava traficando drogas.

No seu retorno descobri que ele era filho de um parente meu e, a partir desse laço familiar, ele passou a me respeitar, proteger e se tornar um aluno exemplar.

Um dos momentos mais conflitantes na função de gestor, foi quando fiquei cerca de 10 minutos segurando um aluno de 16 anos apontando um estilete de pau para o meu pescoço e nesse dia poupei sua vida e a dos outros, tendo em vista que tudo aconteceu porque não deixei esse aluno matar o outro colega de sala de aula.

O que dizer quando tive que interceptar, por diversas vezes, várias armas e evitar que momentos desagradáveis ocorressem na escola e envolvessem as famílias em

conflitos escolares com alunos?

Aprendi que um bom gestor é aquele que tem sabedoria para gerenciar a si mesmo e a capacidade para transformar pessoas (alunos e colaboradores, no meu caso) em cidadãos conscientes dos seus deveres para com a sociedade.

Dessa forma, passei a compreender que o novo modelo de gestor, no século XXI, exige constantes reflexões sobre a importância de organizar as Instituições de apoio, como Conselho Escolar, Grêmios e outros colegiados que possam dividir corresponsabilidades em prol do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

POSFÁCIO

POSFÁCIO

O livro conta a história de um menino filho de um agricultor que até seus 6 anos de idade viveu no seio familiar na zona rural em harmonia com a natureza. Perdeu o pai e a partir desse fato vivenciou as maiores adversidades possíveis.

Um pequeno camponês que se vê obrigado a deixar o campo e migrar para a cidade a procura de sua sobrevivência e dos seus familiares.

Sua história é de muita luta, desde a perda do seu pai até os trabalhos que se submetia para adquirir o seu sustento e dos demais irmãos.

Mesmo indo tardiamente a Escola, viu naquele ambiente, uma oportunidade de mudança de vida. Sempre intercalou suas responsabilidades familiares (carregar água, realizar mandados de prostitutas e etc.) com os estudos e apesar da dificuldade, conseguiu se tornar um vencedor e hoje, se orgulha de chegar onde chegou.

Pedro Henrique Pereira de Oliveira

SINCEROS AGRADECIMENTOS

SINCEROS AGRADECIMENTOS

A partir do meu entendimento enquanto ser pensante, procurei me pautar na esperança de que o caminho mais fácil para chegar aonde se quer é a escola.

Imagem 21 - Professor Evando Alves de Oliveira

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.

Durante toda minha infância e adolescência sempre busquei, na escola, o caminho para sair da situação de miséria e da extrema pobreza, com a qual me juntava a uma grande parcela das pessoas do interior do Rio Grande do Norte.

Sempre falava para os meus alunos e demais pessoas que a escola é o caminho mais fácil para quem quer vencer as dificuldades.

É na escola que nos igualamos a todos. É na escola que aprendemos que vale a pena lutar pelos nossos ideais.

Comigo não foi diferente. O menino pobre da zona rural que encontra na sala da casa de uma professora um horizonte para guiar os caminhos para chegar onde chegou.

Nessa trajetória agradeço, primeiramente, a Deus pela força recebida, à Francisca Maria da Silveira (de saudosa memória) por ter me acolhido no seio do seu lar e me ensinado a ler e escrever, a João Fernandes de Oliveira (Dandão), que estendeu sua mão no momento em que precisei e à sua esposa, Rita Preta, que me ensinou como vencer por meio do trabalho honesto. Agradeço também ao eterno vereador Marconi Augusto Severo por ter acreditado no meu potencial e me ofertado o primeiro emprego de professor.

As amigas Cleomar do Nascimento Bezerra, Maria do Socorro Santos Cruz e Maria da Conceição Varela Bezerra, pelas contribuições recebidas ao longo da minha jornada como professor, gestor e coordenador.

À professora Maria Francisca Xavier, que, com sua simplicidade, me apontou os caminhos para me tornar um professor. Também não poderei deixar de citar o empenho de Maria Suzete Fonseca Lira (de saudosa memória), que me orientou nos meus primeiros trabalhos escolares e à mãe Luiza (a mãe de muitos pirangienses), que acolheu a mim e aos meus filhos nos momentos mais difíceis que passei em nossa comunidade de Pirangi do Norte.

A todos os meus familiares e, em especial, aos meus irmãos, Francisca, Maria, Antônio Grande, Pedro, Manoel, Osmana, Raimunda (esses já falecidos) e Olívia, Adelaide, Antônio Pequeno, Amélia, João Pequeno, Lourdes e Luzimar, que nunca deixaram de me incentivar na travessia do saber.

A todos vocês, os meus sinceros agradecimentos.

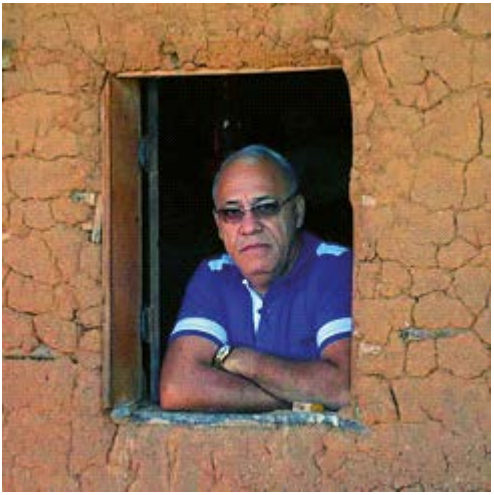
Imagem 22 - Parte da minha família

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2017.

SOBRE O AUTOR

SOBRE O AUTOR

EVANDO ALVES DE OLIVEIRA



Professor Especialista em Educação (Universidade Potiguar); Graduado em Pedagogia (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte); Curso de Formação de Gestores (Secretaria municipal de educação de Parnamirim-RN); Professor do quadro permanente do Estado do Rio Grande do Norte; Professor Aposentado do Município de Parnamirim-RN; Experiência como Gestor de Escola pública, Experiência como Coordenador de educação e Coordenador do Desenvolvimento de Gestão Escolar na Secretaria de Educação do Município de Parnamirim-RN, desportista e ator amador.

A **Faculdade Metropolina Norte Riograndense (FAMEN)** é credenciada pela **Portaria nº 665/MEC, publicada no Diário Oficial da União em 22 de março de 2019**. Entre as atividades vinculadas ao ensino superior, a Faculdade oferece serviços acadêmicos da **EDITORA FAMEN** que objetiva a difusão de conhecimento por meio de e-books, livros impressos, periódicos (revista científica e jornal eletrônico), anais de eventos e repositório institucional, sendo vinculada à Diretoria de Pesquisa da Faculdade.

A **EDITORA FAMEN** é especializada em publicar conhecimentos relacionados ao campo da educação e a áreas afins por meio de plataforma on-line, como também em formato impresso. O endereço eletrônico para acessar as suas publicações e demais serviços acadêmicos é o www.editorafamen.com.br.

A **EDITORA FAMEN** realiza edição, difusão e distribuição de produções editoriais seguindo uma Política Editorial qualificada e baseada nas seguintes linhas: acadêmica, técnico-científica, produção didático-pedagógico, produção artístico-literária e cultura popular.

Formato: 14x21
Tipologia: Times New Roman, 12pt
Papel: Papel Off set 75g (miolo)
Cartão Triplex 250g

2022
Natal/Rio Grande do Norte

Não encontrando nossos títulos na rede
de livros conveniados e informados em nosso site
contactar a Editora Faculdade FAMEN:
Tel: (84) 3653-6770
www.editorafamen.com.br

TRAVESSIAS DE UM Sertanejo

editora FAMEN

ISBN: 978-65-87028-09-5

CDL

9 786587 028095